

UM MERGULHO NA ANGÚSTIA DE ÁLVARO DE CAMPOS SOB A ÓTICA EXISTENCIALISTA DE SØREN KIERKEGAARD

A DEEP DIVE ON ÁLVARO DE CAMPOS' ANGUISH UNDER SØREN KIERKEGAARD'S EXISTENTIALISTIC PERSPECTIVE

Fabiana Eliza Ost¹

Saulo Gomes Thimóteo²

RESUMO: Esta análise da poesia de Álvaro de Campos pelo viés filosófico de Kierkegaard estabelece relações entre a construção poética e os conceitos de angústia e desespero. A metodologia adotada enfatiza as projeções construídas pelo eu lírico na tentativa de compreender a existência, enquanto o referencial teórico aborda a procura pela completude interior. Assim, nota-se que a angústia do poeta pode advir de ideais abdicados da fé divina, que acolhe o indivíduo em sua eterna busca pela integralidade do ser.

Palavras-chave: filosofia kierkegaardiana; heterônimo; Fernando Pessoa.

ABSTRACT: This analysis of Álvaro de Campos' poetry from the philosophical perspective of Kierkegaard establishes relationships between the poetic construction and the concepts of anguish and despair. The adopted methodology emphasizes the projections constructed by the lyric self in an attempt to understand existence, while the theoretical framework addresses the search for inner completeness. Thus, it is noted that the poet's anguish can come from ideals abdicated from the divine faith that welcomes the individual in his eternal search for the integrality of the being.

Keywords: Kierkegaardian philosophy; heteronym; Fernando Pessoa.

1. INTRODUÇÃO

O objeto de estudo do presente trabalho se constituirá da poesia de Álvaro de Campos, o sensacionista dos heterônimos do maior poeta da língua portuguesa no

¹ Graduanda, UFFS.

² UFFS.

século XX, Fernando Pessoa (1888–1935). O ortônimo fez sua despersonalização colocando em Campos toda a emoção que quisera sentir, sendo que essa reação desencadeia uma profunda angústia, expressão subjetiva notável na obra do heterônimo. Nessa perspectiva, é possível estabelecer relação com as ideias do dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813–1855), um filósofo pré-existencialista de viés religioso, que desenvolve suas teorias por meio da concepção de que cada objeto e cada indivíduo se apresenta como um mundo em si, um universo mágico aberto às mais intensas experiências.

A maneira de ver o mundo exterior de maneira introspectiva fez com que essa autoconsciência de Fernando Pessoa requeresse um outro eu, um heterônimo que o ajudasse a “olhar para o mundo sem se enxergar a si próprio entre o objeto da sua atenção” (KUJAWSKI, 1979, p. 56). E, por essa razão, surge Alberto Caeiro, em posição central no conjunto heteronímico, o mestre do ortônimo e de suas criações mais conhecidas: Ricardo Reis e Álvaro de Campos. O sensacionista Campos é pensado para externar toda a experiência subjetiva ao ver o mundo da maneira que Pessoa queria e só conseguiu ver ao criar seus outros eus. No entanto, assim como é vívida e pulsante a sua poesia, é também uma busca contínua que nunca se realiza. Nesse sentido, o trabalho psicológico de Kierkegaard vai ao encontro da obra de Campos por estudar as emoções e os sentimentos do indivíduo ao se relacionar com a própria existência por meio de suas ações e escolhas. Portanto, os conceitos de angústia e desespero humano serão necessários para aprofundar a presente pesquisa, norteadas pela questão de como a angústia kierkegaardiana dialoga com a poesia de Álvaro de Campos.

Através desse elemento problematizador, é necessário estabelecer possíveis respostas e soluções por meio dos assuntos a serem discutidos no momento. Na obra *O Conceito de Angústia* (2015), Kierkegaard teoriza sobre a manifestação do sentimento de ansiedade/angústia diante das possibilidades que se sujeitam à “vertigem de liberdade”. O filósofo dinamarquês também utiliza o seu livro *O*

Desespero Humano (1974) para tratar do indivíduo em busca da liberdade de si próprio, que, ao ver-se impotente em destruir o eu, torna-se um indivíduo desesperado. Na outra esfera, a comunicação com o mundo externo por meio das sensações faz com que Álvaro de Campos veja todas as possibilidades e sinta toda a liberdade para se transcender com o universo, ao mesmo passo em que o angustia e o desespera sentir-se imobilizado frente à realidade de ser ele por si só.

A importância da presente pesquisa consiste na exploração do legado deixado por um dos maiores poetas da literatura universal. O eu profundo de Fernando Pessoa e seus outros eus, especialmente seu heterônimo Álvaro de Campos, tornam viável o estudo sobre a manifestação do desejo de pluralidade interior, de liberdade concretizada na heteronímia e de conflitos subjetivos de existência. Quando a insaciável busca de transcendência ao universo vê-se inatingível, surge o sentimento de angústia, o qual embasa o problema central desta investigação, tornando coerente relacioná-lo com as teorias do precursor da filosofia existencial, Søren Kierkegaard.

Nesse sentido, a visão do filósofo é a de que o conflito interno do indivíduo se associa à angústia provocada pela liberdade total de escolhas morais. Quanto ao desespero, para Kierkegaard, tal sentimento decorre da inconsciência da materialidade física, do não conhecimento da condição espiritual própria do eu e da rejeição do eu após sua autoconsciência. A “doença mortal” ganha forma nesse último aspecto, quando o eu que fora refutado se sente incapaz de modificar-se. Assim, adentra-se no existencialismo, cujo precursor foi o próprio Søren Kierkegaard, o qual defende a questão do individualismo, em que o que é necessário considerar não é a natureza humana, mas a existência do ser através da liberdade de escolhas que utiliza para continuar existindo. Enquanto responsável pelas próprias decisões e, por isso, enquanto existente, o ser exprime angústia e desespero, elementos constitutivos na busca sempre incompleta de descobrir quem se é.

Para este estudo, a contribuição de Kierkegaard será pelas seguintes questões: os estádios ou modos de existência; o conceito da angústia demonstrada desde seu surgimento na história bíblica de Adão e Eva, pela vertigem de liberdade do “ser-capaz-de”; o conceito e o surgimento do desespero pela incompleta relação que o espírito faz enquanto síntese (corpo, alma e espírito), demonstrado por meio de formas e níveis do desespero se manifestar; e o conceito de desespero como uma “doença mortal” pela impossibilidade de morrer para não ser um eu que não fora o sonhado.

Os conceitos filosóficos brevemente citados serão mobilizados para uma análise de poemas do heterônimo Álvaro de Campos, principalmente o “Pecado Original”, que servirá de objeto para o estabelecimento de uma relação que fará conexões com outras leituras críticas sobre o poeta e o filósofo, no sentido de aproximar o conceito da angústia e do desespero. Quanto ao primeiro, a lista dos principais autores que fundamentam o referencial teórico conta com nomes como Cleonice Berardinelli (2004), Natália Gomes (2005), Carlos Felipe Moisés (2005) etc., enquanto o segundo, além do próprio Kierkegaard, a autora France Farago, que traz contribuições através de seu livro *Compreender Kierkegaard* (2006).

2. KIERKEGAARD E SEU CONCEITO DE ANGÚSTIA E DESESPERO

O pensamento crítico de Søren Kierkegaard se voltou objetivamente para o superficial exercício do cristianismo e ao conceito de ser existente. A partir de uma nova maneira de caracterizar o ser, o filósofo dinamarquês estabelece, ao longo de sua obra, três diferentes possibilidades para a sua existência: o *estádio estético*, que é o vivido somente através do prazer imediato para alcançar as sensações desejadas; o *estádio ético*, pelo qual se busca viver segundo leis morais; e o *estádio religioso*, o designado pela fé para encontrar plenitude na relação com Deus. Se o indivíduo

escolhe viver no estádio do prazer sensorial, há uma grande possibilidade de sua vida se tornar monótona e vazia, assim como para o estádio em que opta por só seguir deveres morais, pois acaba por renunciar a si mesmo, vivendo para satisfazer vontades alheias. Para o filósofo, só o estádio religioso permite que o ser se satisfaça consigo próprio e obtenha sentido em sua existência.

A angústia aflige o ser que vive a se suprir só do imediato, do temporal, do finito, pois se espera algo mais da vida e se anseia por algo que seja superior ao estado em que se encontra o eu. Portanto, assim como há de ocorrer a angústia no vazio, no nada, também se manifesta na vontade de *ser-capaz-de*. Nesse caminho, Søren conceitua a angústia utilizando o pseudônimo *Virgilius Haufniensis* e se apropriando da conhecida história religiosa de Adão e Eva. O teólogo discorre que, no princípio, havia tranquilidade e sossego, vivendo o casal em inocência e sonho. A partir do momento em que Deus os proibiu de comer os frutos da árvore, eles se depararam com possibilidades, então a possibilidade de optar lhes causou angústia. Esse sentimento atingiu os primogênitos e atinge os indivíduos posteriores como expressão de uma herança do mal no gênero humano.

Para desenvolver a existência, é preciso que se tenha conhecimento sobre o seu eu, ou seja, o seu espírito, e isso só acontecerá se houver a relação entre a síntese corpo-alma-espírito. Se o indivíduo tem consciência sobre o mundo (corpo) e sobre suas vontades e emoções (alma), mas é inconsciente da existência daquele que instituiu o seu eu, há de lhe ocorrer o desespero. A definição de Kierkegaard é a de que “[...] o desespero é precisamente a inconsciência em que os homens estão do seu destino espiritual” (KIERKEGAARD, 1974, p. 347). O desenvolvimento da síntese é compreendido como uma relação entre *finito e infinito* ou *temporal e eterno*, e *possibilidade e necessidade*. Quanto à primeira dualidade, a sobreposição de um por outro resulta no desespero, conforme descrito por Luciano da Silva Façanha e

Leonardo Silva Sousa, em seu artigo “Angústia e desespero como possibilidade de construção da existência humana a partir da filosofia de Sören Kierkegaard”:

Quando há o *desespero de infinidade* ou a *carência do finito*, o homem perde a finitude e penetra no abismo de seu imaginário e não progride com o *eu*, pois sua existência também é imaginária. No *desespero de finito* ou a *carência do infinito*, o homem considera apenas a vida temporal como sua realidade, estando preso aos ditames dessa vida. (FAÇANHA; SOUSA, 2018, p. 317, grifos no original)

Essa é uma forma do desespero se manifestar, assim como as categorias *possibilidade e necessidade*, que também necessitam de equilíbrio para não resultar em desespero.

Carecer de necessidade, segundo Anti-Climacus, é também carecer de realidade no tocante à manifestação de seu *eu*, pois uma possibilidade deve ganhar determinação. Assim, o homem desespera-se pela *carência de necessidade*. Por outro lado, carecer de possibilidade também leva o desesperado à ruína, pois somente pelo possível um indivíduo pode realizar-se e conseqüentemente também pôr o *espírito* em movimento. Sem a categoria do *possível*, a existência é inativa, e o existente equipara-se a uma pedra que não pode movimentar-se. (FAÇANHA; SOUSA, 2018, p. 318, grifos no original)

Assim como as possibilidades de manifestação do desespero descritas, há também níveis de intensidade. O primeiro é a *inconsciência do desespero*, no qual o indivíduo não tem consciência sobre seu espírito e, então, não vê necessidade em compreendê-lo; o segundo é o *desespero de não querer ser um eu* quando já se conhece o eu eterno, mas ainda assim o ignora, tentando ser como os outros seres; por fim, o terceiro nível é o *desespero de querer tornar-se um eu*, aquele em que o indivíduo tem consciência e quer concretizar, mas se depara com limitações do seu próprio ser, pois é por meio do poder acima dele que o espírito é desenvolvido, através de Deus o indivíduo conhece o seu eu infinito.

A incapacidade de desenvolver plenamente o espírito faz com que o indivíduo recuse o seu eu. Mediante essa rejeição, o ser humano enfrenta o maior dos desesperos, aquele que Kierkegaard denomina como a “doença mortal”, pois, “[...] bem

longe de dele se morrer, ou de que esse mal acabe com a morte física, a sua tortura, pelo contrário, está em não se poder morrer [...]” (KIERKEGAARD, 1974, p. 341). A solução, antes de tudo, está no que France Farago, em seu livro *Compreender Kierkegaard*, aponta, em que “somente a união com o infinito, que cabe ao espírito procurar, pode curar a insatisfação da alma causada pelo finito” (FARAGO, 2006, p. 48), ou, ainda, o que a autora denomina em Kierkegaard como um segundo parto de si mesmo, por meio do qual o ser encontra a graça de viver.

3. A LITERALIDADE POÉTICA DA ANGÚSTIA EM CAMPOS

A poesia do heterônimo Álvaro de Campos sempre expressou interesse na procura por uma resposta substancial de quem se é. Segundo ele, esse problema de definição está relacionado ao “sentir tudo de todas as maneiras” (PESSOA, 1983, p. 281), no qual estende o seu eu para abarcar tudo e todos e quando volta para si próprio não consegue se identificar. É possível observar isso no poema a seguir, escrito em agosto de 1913, antes do nascimento do heterônimo para Fernando Pessoa, conforme este descreve sendo em março de 1914.

Quando olho para mim não me percebo.
Tenho tanto a mania de sentir
Que me extravio às vezes ao sair
Das próprias sensações que eu recebo.

[...]
Mesmo ante às sensações sou um pouco ateu,
Nem sei bem se sou eu quem em mim sente. (PESSOA, 1983, p. 235)

Estando Campos sem respostas para a incessante questão, Carlos Felipe Moisés, em *Fernando Pessoa: almoxarifado de mitos* (2005), denota que o desejo do sensacionista é ser aceito e reconhecido pela sociedade, assim mesmo no seu modo complexo de ser, mas quando não consegue estabelecer essa relação entre o Eu-

individual e o Eu-social, rebela-se (de modo estático) contra todos e busca trilhar seu destino sozinho. O que acontece, porém, é que essa autoafirmação não resulta na sua autoidentidade, então ele focaliza a agressão em si próprio e, ao mesmo tempo em que se flagela, acusa e denuncia a hipocrisia alheia, continuando seu caminho ciente de que a busca pela verdade metafísica lhe acompanhará para sempre em vida.

Para encontrar instantes de paz durante o percurso caótico da existência, Campos abusa da imaginação exaltando símbolos como o Sonho, o Mar e a Noite. Ao buscar o sonho, o poeta deseja ser levado para outro mundo, um local exterior ao seu eu, em que tudo é possível, assim como o enaltecimento ao mar se relaciona ao sonho e às viagens marítimas que tanto cita em seus poemas. Em seu livro *O sonho e a máscara: Antero de Quental e Fernando Pessoa* (2005), Natália Gomes discorre que “O mar é o espaço onde se projeta o ‘eu’ do poeta e é o caminho por onde navegam as naus à procura da realização inatingível” (GOMES, 2005, p. 153). O heterônimo recorre à noite com o objetivo dela lhe trazer silêncio e consolo, visto que só ela pode trazer “a alegria dessa esperança triste” (PESSOA, 1983, p. 309). Contudo, todos esses recursos utilizados para a tentativa de fuga da realidade acabam por causar ainda mais melancolia em Álvaro de Campos, pois o levam a um mundo de possibilidades não concretizadas que resultam em descontentamento.

O heterônimo se vê fatigado, ao ponto de desafiar a morte para acabar com a consciência que o perturba tanto, visto que não consegue encontrar sozinho o sentido para a existência. Talvez seja essa a questão. Ao contestar verdades estabelecidas, o poeta se vê impotente e incapaz de assentar novas verdades dentro de uma reflexão existencial que ele participa automaticamente,

[...] o fluxo do pensamento mais avançado, e mais rebelde, do século XIX, que valoriza o irracional, como em Nietzsche ou Kierkegaard, e lança o embrião do que virá a ser, já no século XX, a filosofia da existência ou o existencialismo, como em Heidegger ou Sartre. (MOISÉS, 2005, p. 103)

A participação com as ideias filosóficas se relaciona com o projeto existencial que Álvaro de Campos instituiu. No entanto, enquanto a filosofia citada infunde que a resposta é revelada a partir da crença na existência de um ser absoluto, Campos prefere engrenar por bases próprias, as quais só tendem a lhe causar angústia e a incitar a morte.

Considerando a criação semelhante que o ortônimo Fernando Pessoa fez de Álvaro de Campos, faz-se essencial discorrer sobre a crença de ambos em um protótipo pagão. Protótipo, pois mesmo que induzam a crer em todos os deuses através de uma “incerteza pagã sem alegria” (PESSOA, 1983, p. 277), de maneira mística, é possível que clamem por apenas um, aquele cuja existência o poeta indaga utilizando da razão, admitindo possuir uma “fraqueza cristã sem fé” (PESSOA, 1983, p. 277). Veja-se no verbete “Fernando Pessoa”, escrito por Richard Zenith, no *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*:

Talvez por causa da sua consciência implacável do caos geral da existência, Pessoa, não obstante a sua mania de duvidar de tudo, acreditava, ou queria acreditar, numa dimensão espiritual. Embora não soubesse o que havia (se havia alguma coisa) por detrás ou para além do que somos e vemos, Pessoa não tinha interesse nenhum em viver como o comum dos homens. Passou a vida inteira buscando a verdade, quando não estava a inventá-la, e esta busca conduziu-o a uma grande variedade de disciplinas e práticas esotéricas. (ZENITH *apud* MARTINS, 2010, p. 623)

Essa “fé” em um poder superior é demonstrada na obra pessoana e na de seu heterônimo Campos quando reverenciam símbolos como o mar, sobre o qual Natália Gomes cita que “[a] viagem simboliza a vida e a viagem metafísica simboliza a busca do poeta pelo Absoluto. O mar e o sonho são o veículo para encontrá-lo” (GOMES, 2005, p. 154). Outra contribuição coerente com o motivo da evocação por tais símbolos é a de que

À procura do mito onde não há nada de mítico (sua imaginação é que vê o Mar, a Noite, a Infância etc. sob essa aura especial), Campos está na verdade à procura daquilo que a tradição associa à ideia de Deus, à ideia de uma Fé inabalável. A Noite, o Mar, a Natureza etc. não passam de metáforas por meio das quais o poeta se refere ao vazio deixado pela perda da crença em Deus, um vazio que ele gostaria de poder preencher com uma nova crença. Mas, e aí voltamos ao ponto de partida, a via racional por ele escolhida não admite a possibilidade da fé, não aceita a existência do absoluto e do imutável, como era a ideia de Deus da crença antiga. (MOISÉS, 2005, p. 116)

Essa lucidez extrema posta em jogos de linguagem e muitas outras questões que permeiam o ser pessoano são fatores que favorecem o desenvolvimento da angústia e do desespero. Cleonice Berardinelli, em sua obra *Fernando Pessoa: Outra Vez Te Revejo...*, comenta: “no vício de pensar e na ausência de Deus estão as raízes mais profundas da inquietação pessoana. Mas também na consciência da fugacidade e inanidade da vida [...] e na sensação tantas vezes reafirmada da sua irrealização” (BERARDINELLI, 2004, p. 256). De acordo com o que expõe no trecho a seguir, mas de maneira muito intrínseca, Campos sabe qual a cura para “Esta velha angústia” (1934):

Se ao menos eu tivesse uma religião qualquer!
Por exemplo, a por aquele manipanso
Que havia em casa, lá nessa, trazido de África.
Era feiíssimo, era grotesco,
Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê.
Se eu pudesse crer num manipanso qualquer —
Júpiter, Jeová, a Humanidade —
Qualquer serviria,
Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo? (PESSOA, 1983, p. 325)

O heterônimo só não tem consciência de como chegar a essa sabedoria, ou seja, não sabe como se relacionar com o Deus que ele mesmo refutou. Ao menos aí se manifesta com maior fervor o reconhecimento da falta de crença, sucedido por uma “nova vivência espiritual” em Álvaro de Campos. Em seu livro *Fernando Pessoa: vida, personalidade e génio*, António Quadros (1984) ressalta essa experiência por meio da citação de poemas-chave, como “Demogorgon” (1928) e “Magnificat” (1933), dando

ênfase para o poema que principia “Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir” (PESSOA, 1983, p. 340, que considera como fundamental para entender toda a obra pessoana.

Na procura por encontrar sentido em sua existência, Campos passou pela fase de indagação de um poder maior, de reconhecimento da falta de fé e de esplendor com o acalento sagrado. No entanto, à medida que aceita e admite que “cada alma é uma escada para Deus”, vê que sua mudança interior fora tardia, pois sente que o tempo lhe foi perdido e nada mais o adiantará em vida. Assim exclama que “sua alma partiu-se como um vaso vazio” e que “a sua obra, a sua alma principal e a sua vida são um caco”. Nesse desfecho, os poemas dos últimos anos de existência denotam uma rendição para a morte. O sono, o tédio, a náusea e o cansaço em viver tomam conta de todo o ser, e o poeta escreve em trecho de “Mas eu, em cuja alma se refletem”: “Eu sofro ser eu através disto tudo como ter sede sem ser de água” (PESSOA, 1983, p. 344). A espera pela morte o permitiu revelar uma loucura que lhe faz “vomitar sem ter comido nada” (PESSOA, 1983, p. 345).

Não vendo mais prazer em exaltar nada e não tendo mais esperança em vida, Campos também não vê motivo para desesperar, apenas aceita e aguarda o fim de sua existência, pois “não há que fazer nada na véspera de não partir nunca” (PESSOA, 1983, p. 327). Mas a espera também o angustia, a vontade de dormir eternamente não é a mesma de sossegar durante a noite enquanto espera pelo eterno. Pelo poema “Vilegiatura”, Álvaro de Campos mostra que continua no mesmo círculo vicioso do pensar, e a tentativa de inconsciência fracassa ante às sensações interiores: “Vim para aqui repousar, mas esqueci-me de me deixar lá em casa. Trouxe comigo o espinho essencial de ser consciente, a vaga náusea, a doença incerta, de me sentir” (PESSOA, 1983, p. 354).

Infelizmente, as conclusões a que Campos chegou quando finalmente reconheceu e cantou a graça divina obtiveram um resultado oposto e negativo. É como

Antônio Quadros justifica: “como diz a sabedoria antiga, *Quem vê Deus morre!* É no seio da mais deslumbrante luz, que o crepúsculo se gera. O crepúsculo, a sombra, a tempestade, a noite...” (QUADROS, 1984, p. 264, grifos no original). Citando o poema que talvez possa ser considerado o mais conhecido de Álvaro de Campos, “Tabacaria” (1928), nota-se a melancolia com que assume: “falhei em tudo. Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada” (PESSOA, 1983, p. 297), e o desgosto que aparenta sentir por seu eu: “Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta, e cantou a cantiga do Infinito numa capoeira, e ouviu a voz de Deus num poço tapado” (PESSOA, 1983, 298). Pouco antes do ortônimo Pessoa morrer, levando com ele seu heterônimo Campos, o que resta ao poeta é a angústia para com a realidade que resiste e o desespero desse “eu” que se anula.

4. MEDIAÇÃO DOS CONCEITOS KIERKEGAARDIANOS NA POESIA HETERONÍMICA

Álvaro de Campos exprime continuamente o sentimento de angústia e desespero, seja na intensidade da exaltação das sensações, como nas suas primeiras fases poéticas, seja no mais encolhido manifesto de tristeza visto na fase final. Carlos Felipe Moisés complementa que

[a] grande constante, fio condutor dos poemas, é o próprio Eu do poeta, que se expõe, aparentemente sem inibição, registrando os mais variados estados de espírito — da exaltação ao tédio, da indignação ao humor, do enternecimento ao delírio, e assim por diante [...]. (MOISÉS, 2005, p. 89)

Na liberdade de viver todas as sensações, Campos foi se tornando um neurastênico por não transcender o seu eu e, então, sentir-se preso a si próprio, tendo que lidar com o ser cansado, sonolento e angustiado que se tornou. Antes de manifestar o sono, o tédio, a náusea e o cansaço em viver, o poeta demonstrou uma

grande histeria para com tudo, tanto como o ortônimo Fernando Pessoa descreve em Carta a Adolfo Casais Monteiro:

Se eu fosse mulher — na mulher os fenómenos históricos rompem em ataques e coisas parecidas — cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histórico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem — e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia... (PESSOA, 1995, p. 95)

Quanto a essa excessiva emotividade, o filósofo Søren Kierkegaard (2015) expõe que o livro bíblico *Gênesis* traz a figura da mulher, neste caso Eva, como a indutora de Adão para cometer o pecado. A esse respeito, teoriza que a angústia é mais evidente na mulher do que no homem. Analisando a questão, vê-se que, quanto maior o grau de histeria, mais a angústia acomete o ser, como pode ser percebido através da intensidade poética do Campos angustiado.

Mas não era esse o objetivo que tinha Fernando Pessoa quando criou esse heterônimo e os demais. Não era sua intenção revelar um ser tão angustiado e desesperado para com a vida. Entretanto, as razões para a criação heteronímica tiveram como consequência uma angústia no próprio ortônimo por não mais conseguir se identificar entre tantas personalidades, como analisado por Leyla Perrone-Moisés no verbete "Doença":

A própria heteronímia, concebida originalmente como um jogo que alcançaria, ao mesmo tempo, o objectivo estético de suprir uma «falta de literatura» em seu país, e o objectivo psicológico pessoal de compensar uma falta de unidade e de coerência, desembocou numa angustiante falta de ser. A heteronímia não curou Pessoa. Pelo contrário, como tudo o mais, ela é suspeita de morbidez. (PERRONE-MOISÉS *apud* MARTINS, 2010, p. 225)

Na consciência da falta de sentido para a existência e na busca por outras verdades, Fernando Pessoa exibiu, através de Álvaro de Campos, o que de mais profundo possa ocorrer em pensamento. O problema foi percorrer sozinho um caminho em que poderia contar com a ajuda divina, o que lhe causou um enorme

cansaço, conforme admite Luís de Oliveira e Silva em seu artigo “Estética e ética em Kierkegaard e Pessoa”: “Perante a dolorosa impossibilidade de crer, a que se junta a carência dolorosa de caridade, Campos entrega-se inerme ao niilismo. Mas não ao niilismo satisfeito de Caeiro, senão ao niilismo desesperado” (SILVA, 1988, p. 268). É um desespero que tem como princípio o questionamento do sentido da existência, compreendendo a esfera metafísica, social e humana de Deus.

O heterônimo tem consciência de seu desespero, haja vista que sempre viveu com a instabilidade de seu espírito, assim como quis realizar plenamente o seu eu. Aqui, Kierkegaard poderia estabelecer relação através dos níveis de intensidade do desespero, podendo encaixar Campos no que definiu como “desespero de querer tornar-se um eu”. O conhecimento da impotência pelo desenvolvimento do espírito sem a relação com Deus pode estar presente no poema “Pecado Original”, de 1933, transcrito inteiramente a seguir:

Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?
Será essa, se alguém a escrever,
A verdadeira história da humanidade.

O que há é só o mundo verdadeiro, não é nós, só o mundo;
O que não há somos nós, e a verdade está aí.

Sou quem falhei ser.
Somos todos quem nos supusemos.
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca.

Que é daquela nossa verdade — o sonho à janela da infância?
Que é daquela nossa certeza — o propósito à mesa de depois?

Medito, a cabeça curvada contra as mãos sobrepostas
Sobre o parapeito alto da janela de sacada,
Sentado de lado numa cadeira, depois de jantar.

Que é da minha realidade, que só tenho a vida?
Que é de mim, que sou só quem existo?

Quantos Césares fui!

Na alma, e com alguma verdade;

Na imaginação, e com alguma justiça;
Na inteligência, e com alguma razão —
Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! —
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui! (PESSOA, 1983, p. 322)

Na afirmação de que “o que há é só o mundo verdadeiro, não é nós, só o mundo”, o poeta evidencia que a existência humana, em sua concepção, é só um mero complemento de presença no espaço. As vontades e as ações dos seres dependem de um poder além do que possam materializar. Essa dependência faz reagir no heterônimo, em versos como “Que é daquela nossa verdade/o sonho à janela da infância? Que é daquela nossa certeza/o propósito à mesa de depois?”, uma indagação sobre o porquê de só se ter verdades e certezas na infância e nas imaginações. A realidade de uma vida sem sentido lhe faz temer no apontamento “que é de mim, que sou só quem existo?”, pois não há nada que o faça ter vontade de sentir todas as coisas, assim como chega à conclusão de que ele mesmo não é nada.

De acordo com *O Desespero Humano* de Kierkegaard, “[...] quando o ambicioso que diz *Ser César ou nada* não consegue ser César, desespera. [...] é por não se ter tornado César que ele já não suporta ser ele próprio” (KIERKEGAARD, 1974, p. 342, grifos no original). Portanto, enquanto Álvaro de Campos quer se libertar de si mesmo, mas sente impotência em fazer a conexão entre querer e fazer, entre o pensamento e a ação, entre a vontade e o ato, Kierkegaard explica tal expressão como uma “doença mortal”, pois se conseguisse ser alguém, como um “César” que supôs ser, não se sentiria desesperado. Esse “desespero de querer tornar-se um eu” que instintivamente se transforma em uma enfermidade pelo eu incapaz de morrer, assim como no poema acima, é refletido, também, em “Ah, perante esta única realidade, que é o mistério”:

Minha inteligência tornou-se um coração cheio de pavor,
E é com minhas ideias que tremo, com a minha consciência de mim,
Com a substância essencial do meu ser abstrato
Que sufoco de incompreensível,

Que me esmago de ultratranscendente,
E deste medo, desta angústia, deste perigo do ultra-ser,
Não se pode fugir, não se pode fugir, não se pode fugir!

Cárcere do Ser, não há libertação de ti?
Cárcere de pensar, não há libertação de ti?

Ah, não, nenhuma — nem morte, nem vida, nem Deus!
[...] (PESSOA, 1983, p. 337)

O heterônimo não toma consciência de sua materialidade física e quer se difundir com o infinito, mas dessa pré-síntese do corpo e da alma, a espiritualidade do eu não lhe é conhecida, resultando, pois, na rejeição de si próprio. Relacionando com as ideias e a realidade de vida do filósofo, torna-se possível dizer que, se Campos atingisse o modo religioso de existência a partir da ferramenta da fé, conheceria a si mesmo e sentiria a realização de seu eu que tanto lhe é inconsciente e longínquo.

Em desfecho, os termos kierkegaardianos de angústia e desespero puderam ser evidenciados na poesia de Álvaro de Campos através da angústia carente de objeto, pela qual se pode ver uma relação do eu do poeta com o mundo; da angústia como descoberta de poder, em que o seu eu pôde se relacionar com o sentimento enfrentado; e do desespero de ser sem conseguir ser, por meio do qual o espírito tentou conectar-se com o porvir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante conhecer o eu profundo de Fernando Pessoa e as suas circunstâncias, as quais, em momento de extrema solidão e tristeza, revelaram importantes criações para o poeta, os conhecidos heterônimos, que, com suas independentes personalidades, tornaram possível a realização de uma poesia objetiva fundamentada em ideais subjetivos e revolucionários. Curiosa, ainda, a questão de que, diferentemente de Alberto Caeiro e de Ricardo Reis, Fernando Pessoa criou um Álvaro de Campos que mais se assemelha ao seu eu, um heterônimo pensado para

externar todas as sensações que Pessoa ortônimo não expressaria com a mesma intensidade. Isso devido ao contínuo e conturbado pensamento de indagar o sentido de tudo para encontrar satisfação com a própria existência.

O ideal do heterônimo Campos é viver pelas sensações, poder sentir todo o mundo para tentar sentir-se completo interiormente. Todavia, essa concepção do sensacionista corre o risco de desembocar em sentimentos como a angústia e o desespero, pois, quanto mais se sintam, mais a alma tende a sofrer. Foi o que ocorreu com o heterônimo, que viveu tão intensamente suas emoções que chegou ao seu limite. Não se reconheceu mais e não mais acreditou em suas potencialidades. Admitiu que lhe faltava em que crer sem saber o que seria. Quando presenciou, viu que era tarde demais. Na busca por respostas, descobriu que, desde o princípio, elas estavam ali, acessíveis aos que confiam cegamente no divino, no Absoluto, em Deus, embora ele não consiga demonstrar plenamente tal confiança, pois, ao seu ver, seria uma questão impossível, deixando-o num conflito insolúvel passível de uma angústia arraigada e um desespero manifestado várias vezes em vida.

Neste presente artigo, é o filósofo pré-existencialista que revela caminhos possíveis de desvendar a máscara de Álvaro de Campos. Søren Kierkegaard conceitua a angústia e o desespero que assolam a existência de Fernando Pessoa e se apresentam significativamente nos poemas de Álvaro de Campos. O dinamarquês expõe sobre o nada como objeto da angústia bem como sobre a vertigem de liberdade que se percebe por meio das angustiantes possibilidades em ser-capaz-de. Conjuntamente, teoriza sobre três estádios de existência, a dualidade entre finito e infinito e possibilidade e necessidade para o desenvolvimento do espírito, e níveis de intensidade na manifestação do desespero. Kierkegaard evidencia a contribuição do desespero para a construção da existência humana, enquanto o eu desconstruído de Pessoa-Campos, fatigado pelas expressões tão carregadas negativamente, dá espaço para o estabelecimento de uma relação entre Literatura e Filosofia.

REFERÊNCIAS

BERARDINELLI, Cleonice. *Fernando Pessoa: Outra Vez Te Revejo....* Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.

FAÇANHA, Luciano da Silva; SOUSA, Leonardo Silva. Angústia e desespero como possibilidade de construção da existência humana a partir da filosofia de Sören Kierkegaard. *CONJECTURA: filosofia e educação*, v. 23, n. 2, p. 307-324, 2018.

FARAGO, France; ALVES, Ephraim. *Compreender Kierkegaard*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GOMES, Natália. *O sonho e a máscara: Antero de Quental e Fernando Pessoa*. São Paulo: Scortecci, 2005.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. Coleção Os Pensadores. v. 31. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *Fernando Pessoa, o outro*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

MARTINS, Fernando Cabral. *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*. São Paulo: Leya, 2010.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Fernando Pessoa: almoxarifado de mitos*. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. *Obra em prosa*. São Paulo: Nova Aguilar, 1995.

QUADROS, António. *Fernando Pessoa: vida, personalidade e génio; seguido de Heteronímia e alquimia, ou Do espírito da terra ao espírito da verdade*. 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.

SILVA, Luís de Oliveira e. Estética e ética em Kierkegaard e Pessoa. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Lisboa, p. 261-272, 1988.

Recebido em: 04/08/2021

Aceito em: 16/09/2021